

Temporalidade do vivido e narrado: A Reunião das Três Horas e o movimento romeiro em Juazeiro do Norte

*Temporality of the lived and narrated:
The Three O’Clock Meeting and the Pilgrimage Movement in
Juazeiro do Norte*

Adriana Maria Simião da Silva
Renato Kirchner

Resumo

Este artigo analisa a Reunião das Três Horas, realizada durante as romarias em Juazeiro do Norte (CE), como espaço simbólico e formativo da religiosidade popular nordestina. A partir de uma abordagem etnográfica e (auto)biográfica, com base na observação participante e em entrevistas com romeiros e romeiras, investigam-se as narrativas da trajetória romeira como expressões da fé, da resistência e da memória coletiva. Ancorado nas categorias teóricas da “temporalidade do vivido” e das “narrativas da experiência”, o estudo evidencia como este espaço, organizado desde o final da década de 1970 pela Pastoral da Romaria, atua na valorização do protagonismo romeiro, promovendo uma pedagogia do acolhimento, da escuta e da partilha. A Reunião das Três Horas configura-se, assim, como uma prática socioreligiosa inclusiva, que articula tradição e contemporaneidade, e sinaliza novas formas de relação entre a Igreja Católica e os fiéis nordestinos, fortalecendo redes de apoio, pertencimento e continuidade cultural.

Palavras-chave: Romaria. Narrativa da experiência. Tempo vivido. Juazeiro do Norte. Reunião das Três Horas.

Abstract

This article analyzes the *Reunião das Três Horas* (Three O’Clock Meeting), held during pilgrimages in Juazeiro do Norte (Ceará, Brazil), as a symbolic and formative space of Northeastern Brazilian popular religiosity. Drawing on ethnographic and (auto)biographical approaches — through participant observation and interviews with pilgrims — the study explores the *narratives of the pilgrimage journey* as expressions of faith, resistance, and collective memory. Based on the theoretical categories of “temporality of the lived” and “narratives of experience”, the research highlights how this gathering, organized since the late 1970s by the *Pastoral da Romaria* (Pilgrimage Pastoral Ministry), fosters the protagonism of pilgrims by promoting a pedagogy of welcome, listening, and sharing. The *Reunião das Três Horas* thus emerges as an inclusive socio-religious practice that intertwines tradition and contemporaneity, while pointing to new forms of relationship between the Catholic Church and its popular faithful in the Northeast, strengthening networks of support, belonging, and cultural continuity.

Keywords: Pilgrimage. Experience narrative. Lived time. Juazeiro do Norte. Three O’Clock Meeting.

Introdução

O termo *romaria* designa o deslocamento de fiéis a um local considerado sagrado, geralmente motivado pela devoção a um santo. No contexto brasileiro, as romarias configuram-se como um fenômeno religioso presente em diversas regiões, assumindo particular relevância no Nordeste. Em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, esse fenômeno manifesta-se de forma quase contínua ao longo do ano. Estimativas da Diocese do Crato indicam que aproximadamente dois milhões de romeiros e romeiras, oriundos principalmente dos nove estados nordestinos, visitam a cidade anualmente, seguindo o calendário das principais romarias locais.

As romarias têm sido objeto de múltiplas abordagens analíticas, que buscam compreender suas dinâmicas sociais, culturais e espirituais enquanto fenômeno religioso¹. Entre as categorias centrais dessas investigações, destacam-se os conceitos de tempo e espaço sagrados, que funcionam como chaves epistemológicas para a interpretação do vasto e complexo conjunto de experiências associadas à religiosidade popular.

A vivência temporal dessas manifestações ganha densidade e sentido nas narrativas dos próprios romeiros e romeiras — sujeitos centrais desse processo — que se deslocam de suas comunidades de origem, muitas vezes enfrentando longas distâncias e condições adversas, com o objetivo de alcançar o lugar sagrado e participar de momentos ritualísticos, caracterizados como *tempos sagrados*.

É a partir desse cenário que propomos refletir sobre como os romeiros e romeiras de Juazeiro do Norte expressam suas experiências religiosas por meio das narrativas da chamada *trajetória romeira*. Tais narrativas são elaboradas e partilhadas, de modo particular, durante a “Reunião das Três Horas”², evento promovido pela Pastoral da Romaria desde o final da década de 1970 e que integra oficialmente a programação das principais romarias da cidade.

Este artigo concentra-se na experiência religiosa à luz da categoria “temporalidades do vivido”³, buscando, por meio dos testemunhos orais dos participantes, compreender o significado da inserção no movimento socioreligioso de Juazeiro do Norte e os fatores que contribuem para a continuidade desta tradição. Ao analisar esses testemunhos — que incluem expressões de fé, cânticos, denúncias sociais e reflexões bíblicas — pretende-se evidenciar como a oralidade e o espaço do encontro favorecem a valorização da cultura romeira e o fortalecimento de uma religiosidade popular sustentada por um movimento de resistência que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço.

A pesquisa fundamenta-se em princípios da abordagem (auto)biográfica e da etnografia. Foram realizadas observações em quatro encontros da Pastoral da Romaria, entre os anos de 2023 e 2024. Desses encontros, selecionaram-se para análise os testemunhos de dez participantes, que foram entrevistados após o término dos eventos acompanhados, com o objetivo de compreender as formas de expressão da experiência religiosa nesses espaços.

Este estudo é um recorte da pesquisa intitulada “O movimento socioreligioso das romarias de Juazeiro do Norte: reconfigurações e perspectivas atuais”⁴, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa

¹ Segundo o fenomenólogo holandês, o conceito fundante de toda e qualquer experiência religiosa, está relacionada ao poder (mana). Em seu livro *Fenomenologia da religião* podemos ler: “O poder vive no lugar sagrado. Aí os seus efeitos tornam-se visíveis. O que aconteceu uma vez repete-se no lugar sagrado. [...] Não é, pois, de admirar que as pessoas sempre tenham peregrinado a lugares reconhecidos como sagrados, onde o poder do mundo se renovava cotidianamente e onde é possível aproximar do coração do mundo. De certa forma, cada visita ao templo, cada visita à igreja é uma peregrinação. Mas os lugares de grande santidade atraem os crentes num sentido literal”. VAN DER LEEUW, G., *Fenomenologia de la religión*, p. 387-388.

² A Reunião das Três Horas da Tarde foi objeto de análise na tese de doutoramento de Adriana Maria Simião da Silva, intitulada *Histórias de vida de mulheres romeiras: experiências socioreligiosas e os processos formativos na terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero* (2017). A temática também foi abordada pela pesquisadora Renata Marinho Paz, que publicou, em 2011, o livro *Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte*.

³ CROATTO, J. S., *As linguagens da experiência religiosa*; ELIADE, M., *O sagrado e o profano*.

⁴ Trata-se de um estudo desenvolvido no âmbito do Estágio Pós-Doutoral, pela professora e pesquisadora Adriana Simião, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a supervisão do Prof. Dr. Renato Kirchner.

da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob o CAAE 87070425.3.0000.5481, parecer nº 7.472.313.

Os resultados aqui apresentados decorrem da sistematização das observações, das entrevistas e dados obtidos na *Sala de Informação ao Romeiro*⁵, servindo de base para a construção da categoria “narrativa da trajetória romeira”, a partir da história da tradição religiosa popular da região. O texto propõe, portanto, uma reflexão sobre a importância da Reunião das Três Horas enquanto movimento social contínuo, destacando a relevância da religiosidade popular de Juazeiro do Norte e discutindo, à luz de autores que tratam da temática, o conceito de “temporalidades do vivido” como aporte teórico fundamental para esta análise.

1. A tradição sociorreligiosa em Juazeiro do Norte

Os ciclos das romarias de Juazeiro do Norte integram um calendário anual de peregrinações que abrange um conjunto de práticas devocionais, rituais, festividades e celebrações que caracterizam de forma singular a movimentação sociorreligiosa na região. Este ciclo contempla três grandes romarias principais: a Romaria de Nossa Senhora das Dores (10 a 15 de setembro), a Romaria de Finados (29 de outubro a 2 de novembro) e a Romaria das Candeias (29 de janeiro a 2 de fevereiro).

Além dessas, destacam-se outras romarias significativas, como as que celebram o nascimento (20 a 24 de março) e a morte (17 a 20 de julho) de Padre Cícero. A Romaria dos Devotos de São Francisco, conhecida popularmente como “romaria dos marrons”, ocorre no trajeto dos romeiros a Canindé, passando por Juazeiro do Norte entre o final de setembro e o início de outubro. Outras expressões incluem o ciclo natalino (18 a 25 de dezembro) e a Romaria de Reis (2 a 6 de janeiro), demonstrando a continuidade e o dinamismo da prática romeira ao longo de todo o ano.

Apesar da concentração temporal dessas romarias, observa-se um fluxo contínuo de romeiros e romeiras que visitam os espaços sagrados da cidade — entre eles, a Basílica de Nossa Senhora das Dores, a Capela do Socorro, a Colina do Horto, a Casa dos Milagres e a Reunião das Três Horas, entre outros. Este movimento constante revela que Juazeiro do Norte não é apenas um local de romarias periódicas, mas um centro de peregrinação permanente.

Um aspecto relevante é a expansão do culto a Padre Cícero para além das fronteiras de Juazeiro, notadamente através da prática da “missa do dia 20”, que se tornou um marco devocional mensal em várias comunidades do Nordeste. Nessas celebrações, consolidou-se o costume dos fiéis se vestirem de preto, em sinal de luto e respeito ao padrinho, intensificando os laços afetivos e espirituais entre devotos e a figura religiosa central.

Dados da Sala de Informação ao Romeiro revelam que cada ciclo romeiro possui como predominância visitantes oriundos de estados distintos da região Nordeste, como Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Sergipe, especialmente durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores, que se caracteriza por seu caráter festivo e sua antiguidade. Com rituais devocionais e culturais, a exemplo da procissão dos veículos ornamentados que circulam pelas ruas, esta romaria representa um momento de grande mobilização popular e religiosa.

A Romaria de São Francisco, por sua vez, é marcada pela passagem rápida dos romeiros, oriundos em sua maioria do Maranhão, Piauí e Paraíba, rumo ao santuário de Canindé. Já a Romaria de Finados, concentrada em fiéis nordestinos, inclui o Dia do Romeiro (1.º de novembro), quando se realizam atividades comemorativas e simbólicas. O ciclo natalino, mais recente no calendário romeiro, tem atraído sobretudo visitantes do Rio Grande do Norte e Alagoas, com destaque para o crescente número de peregrinos entre os dias 15 e 25 de dezembro. Para fechar o ciclo das romarias em Juazeiro, acontece a Romaria das Candeias, que atrai romeiros de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Embora a maior parte

⁵ Foi criada em 1979, com o objetivo de ser um local de informações para os romeiros e onde é feito o registro do número de romeiros que participam de cada romaria, esse cadastro normalmente é realizado pelos coordenadores de romaria ou pelos fretantes (pessoas que fretam ônibus para levarem romeiros para Juazeiro do Norte), que informam o local de procedência, o número de pessoas que viajaram com eles e onde ficaram hospedados.

dos participantes venha do Nordeste, é comum encontrar pessoas de outras regiões do Brasil, especialmente de São Paulo.

A tradição romeira em Juazeiro do Norte, para além de sua abrangência, revela um enraizamento histórico e simbólico que se construiu por meio de práticas devocionais e ações de resistência sociocultural. Ainda que este artigo não se proponha a uma análise historiográfica exaustiva, é fundamental destacar que as romarias são constituídas por um movimento sociorreligioso protagonizado por romeiros e romeiras, tanto na época de Padre Cícero quanto nas gerações subsequentes⁶. Essas figuras, que enfrentaram embates com instituições políticas e eclesiásticas, continuam a sustentar uma tradição que resiste ao tempo e se renova continuamente.

As romarias representam manifestações profundas da religiosidade popular, constituindo experiências que entrelaçam fé, resistência e pertencimento. Os romeiros e romeiras que se dirigem a Juazeiro do Norte carregam consigo histórias marcadas por dificuldades sociais, perdas, enfermidades e fé inabalável. É neste cenário que o “Juazeiro Sagrado”⁷ se apresenta como lugar de esperança e reconstrução simbólica.

A análise da movimentação romeira em Juazeiro do Norte, portanto, revela uma expressiva manifestação de alegria e emoção entre os peregrinos, que participam das romarias como uma forma de expressar gratidão pelas bênçãos recebidas ao longo do ano, testemunhar graças alcançadas ou, simplesmente, pelo ato de estar na cidade. Essa experiência de peregrinação configura-se como um momento de reencontro com amigos, familiares e a comunidade religiosa, reforçando os aspectos socioculturais e espirituais que permeiam a tradição romeira na região.

Para muitos, o ato de peregrinar é resposta a um chamado espiritual oriundo da Mãe das Dores ou do Padrinho Cícero, reproduzido por gerações. Os testemunhos compartilhados evidenciam tanto o sofrimento quanto a alegria da caminhada romeira, compondo um mosaico de narrativas que alimentam a tradição viva e pulsante de Juazeiro do Norte.

É importante salientar que o fenômeno das romarias não se reduz à devoção individual: ele envolve lideranças comunitárias, fretantes⁸, organizadores e devotos engajados que articulam experiências coletivas e estruturam a dinâmica sociorreligiosa da cidade⁹. A Reunião das Três Horas, por exemplo, é um espaço privilegiado onde esses protagonistas compartilham experiências, orações, cânticos e reflexões, reforçando a oralidade como mecanismo central de transmissão da fé e da cultura romeira.

2. A Reunião das Três Horas: um espaço biográfico e sociorreligioso de resistência e acolhimento

Diante do cenário multifacetado das romarias em Juazeiro do Norte, propomo-nos a refletir sobre a *temporalidade do vivido* como dimensão constitutiva da experiência religiosa popular, sobretudo, na Reunião das Três Horas, que se realiza no contexto das principais romarias da cidade. Este evento, promovido pela Pastoral da Romaria, configura-se como espaço privilegiado de escuta, partilha e acolhimento, no qual o sagrado se manifesta em expressões que entrelaçam tradição e contemporaneidade, fé e resistência, subjetividade e ação coletiva.

⁶ A primeira romaria a Juazeiro do Norte ocorreu em 1889. A motivação para o evento foi o episódio do milagre da hóstia, ocorrido em 01 de março de 1889, quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, ao receber a hóstia, durante a comunhão, das mãos do Padre Cícero, manifestou o milagre: a hóstia que recebeu se transformou em sangue. FORTI, M. do C. P., Maria de Juazeiro.

⁷ GUIMARÃES, T. S., Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro.

⁸ Pessoas que organizam grupos de romeiros a viajarem para Juazeiro do Norte e que ficam responsáveis por fretar transporte, reservar ranchos e pousadas, além de definirem as visitas aos espaços tidos como sagrados na cidade. Até décadas passadas, esse transporte era realizado majoritariamente pelos assim denominados “paus-de-arara”, que consistia em se adaptar caminhões para o transporte de passageiros, sendo um substituto improvisado para ônibus convencionais.

⁹ A pesquisadora Paula Cordeiro, no livro *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*, traça uma tipologia dos participantes das romarias de Juazeiro do Norte, destacando que existem motivações específicas para participar das romarias. Assim, participam do movimento romeiro pessoas que se identificam com a nomeação de romeiros e devotos, entre os quais estão moradores, turistas e acompanhantes. Já entre os que rejeitam essa definição como autotransmissão encontram-se: curiosos, passeantes e festeiros, como pontuado pela referida autora (CORDEIRO, M. P. J., *Entre chegadas e partidas*).

Esta atividade teve início em 1979, sob a liderança das irmãs Annette Dumoulin¹⁰ e Ana Teresa Guimarães¹¹, em parceria com o então pároco Padre Murilo de Sá Barreto¹². Inspiradas pela metodologia das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as irmãs deram forma a um espaço de acolhimento que articulava confissão comunitária, escuta sensível e partilha de vivências. A pedagogia adotada privilegiava a fala dos próprios romeiros e romeiras, partindo da convicção de que eles são os principais sujeitos da tradição que sustentam.

A Reunião das Três Horas é mais do que uma prática paralitúrgica: ela constitui um espaço biográfico, onde o tempo vivido pelos romeiros e romeiras adquire sentido à medida que é narrado e partilhado. Através dos testemunhos, a experiência romeira é reconhecida e legitimada, não apenas como vivência religiosa, mas como memória social e ato político. Ao verbalizarem suas histórias de fé, sofrimento, superação e devoção, os participantes reafirmam sua identidade e protagonismo no movimento socioreligioso juazeirense.

A reunião ocorre sempre às três horas da tarde, simbolicamente associada à Hora da Misericórdia, sendo estruturada com cânticos, orações, reflexões e depoimentos. Um livrinho orientador é distribuído, contendo o tema da romaria — geralmente alinhado à Campanha da Fraternidade — e benditos populares, muitos dos quais são de autoria dos próprios romeiros, em linguagem simples, poética e profundamente simbólica. Dessa forma, o movimento de acolhida aos romeiros e romeiras está ancorado na perspectiva comunitária e participativa ao mesmo tempo que é nutrido pelas ações de evangelização pensada em linguagem simples e próxima da realidade de seus participantes. A dialogicidade e partilhas estimulam e engajam o público, que é convidado a participar ativamente de toda programação.

Este espaço fortalece a comunidade romeira e sua autoestima espiritual, nutrindo-se de uma pedagogia inspirada no pensamento de Paulo Freire¹³, que valoriza o saber da experiência vivida, a dialogicidade e a participação ativa. A palavra é do romeiro, e sua voz é escutada com atenção e respeito. Conforme ressaltado por Irmã Annette em entrevista de 2015 (publicada em *Vidas em romaria*¹⁴), é justamente essa escuta autêntica que diferencia a espiritualidade romeira da intervenção evangelizadora exógena: “A palavra de um romeiro evangelizando o romeiro é bem diferente da minha. Por quê? Eu sei que eu tenho certa influência, não estou negando o meu papel. Tornei-me, como eles dizem, a mãe dos romeiros, mas uma mãe que tem que saber ouvir também, sobretudo ouvir!”¹⁵

O falecimento de Irmã Annette, em maio de 2021, representou uma perda sentida por toda a “nação romeira”¹⁶. A sua ausência física gerou apreensões quanto à continuidade da Reunião das Três Horas, mas a persistência da Pastoral da Romaria e o testemunho dos romeiros indicam que o legado permanece vivo. A reunião realizada em setembro de 2021, marcada por restrições da pandemia e por

¹⁰ De nacionalidade belga e alma sertaneja, foi cônega da Congregação de santo Agostinho, doutora em Psicologia da Religião. Na década de 1970, veio para o Brasil, inicialmente para realizar pesquisa para sua tese e participar das CEBs, e foi através desse trabalho que conheceu as romarias de Juazeiro do Norte, optando por se estabelecer na localidade para, juntamente com Padre Murilo e a irmã Teresa Guimarães, desenvolverem o movimento de acolhida aos romeiros.

¹¹ Irmã Ana Tereza Guimarães, formada em Pedagogia, obteve o título de doutora em Psicologia pela Universidade de Lovaina, Bélgica. Juntamente com Annette Dumoulin, trabalhou pastoralmente em Juazeiro do Norte, Ceará, desde 1976, desenvolvendo uma profunda ciência a respeito da situação romeira local. Em 2009, as duas irmãs publicaram um artigo sobre o movimento romeiro intitulado “Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte: Protagonismo de uma liturgia popular; Uma visão antropológica” (GUIMARÃES, A. T.; DUMOULIN, A., Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte, p. 9-40).

¹² Francisco Murilo de Sá Barreto (Barbalha, 31 de outubro de 1930 — Juazeiro do Norte, 4 de dezembro de 2005) foi o pároco da igreja matriz da cidade de Juazeiro do Norte, sendo considerado o Vigário do Nordeste, em razão do seu ministério sacerdotal nesta cidade, localidade de grandes romarias. Ele recebeu o título de Monsenhor, no dia 06 de dezembro de 2002.

¹³ FREIRE, P., Pedagogia do oprimido.

¹⁴ Essa entrevista foi realizada pelas pesquisadoras Adriana Maria Simião da Silva (URCA) e Ercília Maria Braga de Olinda (UFC) e, juntas, escreveram a história de vida de Irmã Annette Dumoulin, que foi publicada no livro *Vidas em romaria*, pela editora EdUECE em 2016, com o título “A presença evangelizadora da irmã Annette Dumoulin: viver como Cristo viveu, ensinar como Cristo ensinou!”

¹⁵ OLINDA, E. M. B.; SIMIÃO, A. M. da S., *Vidas em romaria*, p. 260-261.

¹⁶ O termo “nação romeira” expressa o agrupamento de pessoas que se caracterizam por compartilharem crenças e devoções, assim como pela força de enfrentamento e protagonismo diante das adversidades religiosas e sociais que tiveram que passar para continuarem mantendo sua tradição religiosa de fazer romarias a Juazeiro do Norte.

homenagens à “mãe dos romeiros”, foi um momento simbólico de resistência e reafirmação do compromisso pastoral com a escuta e o acolhimento. Nas palavras de uma romeira: “A gente só pensava quando chegasse em Juazeiro sem a irmã Annette [...] mas vocês estão aqui para abraçar nós e vamos continuar vindo para as reuniões”.

Entre 2021 e 2023, observou-se uma transição na condução da reunião, agora mediada por agentes pastorais e lideranças do movimento romeiro. Ainda que mudanças estejam em curso, o espaço segue como lugar de expressão biográfica e comunitária, reafirmando o protagonismo das romeiras e dos romeiros na manutenção da tradição religiosa popular.

A Reunião das Três Horas, portanto, não é apenas uma atividade dentro da programação oficial das romarias: é um campo fértil de elaboração simbólica, de formação pastoral e de resistência cultural. Nele, os participantes partilham memórias, constroem laços e fortalecem sua identidade como parte de um movimento sociorreligioso dinâmico e plural. Trata-se de um espaço que conjuga fé, consciência e compromisso, onde o sagrado se faz presente através das vozes que narram a própria trajetória — uma verdadeira pedagogia do acolhimento e da memória viva de Juazeiro do Norte.

3. As narrativas e a temporalidade do vivido

A compreensão da experiência religiosa, especialmente no contexto das romarias em Juazeiro do Norte, exige uma análise que ultrapasse a mera descrição dos eventos e que realmente dê atenção para as formas como essas vivências são elaboradas, comunicadas e ressignificadas. Nesse sentido, as *narrativas da experiência* e a *temporalidade do vivido* surgem como categorias teóricas centrais, pois permitem acessar os modos pelos quais os sujeitos organizam simbolicamente suas trajetórias e as inserem no tecido da memória coletiva.

Segundo Delory-Momberger¹⁷, a narrativa é o meio através do qual os indivíduos se apropriam de sua história, conferindo coerência e significado ao vivido. Ao narrar, o sujeito atribui papéis aos atores que povoam sua experiência, interpreta acontecimentos e constrói uma totalidade significativa que transforma a sucessão de fatos em uma trama dotada de sentido. Assim, o ato de narrar não é apenas descritivo, mas constitutivo da identidade: é pela narrativa que os sujeitos reconstróem sua trajetória e se inscrevem num horizonte existencial e social.

No presente estudo, portanto, as narrativas de vida e de experiência romeira foram fundamentais para compreender as trajetórias sociorreligiosas dos participantes enquanto sujeitos singulares e plurais. A escuta das falas individuais e a observação das dinâmicas coletivas, especialmente durante a Reunião das Três Horas, permitiram vislumbrar como esses devotos vivenciam e compartilham seus itinerários espirituais. Tais testemunhos revelam não apenas o conteúdo das experiências, mas também os modos de narrar que estruturam e configuram o sentido do vivido.

Para aprofundar a análise dessas experiências, recorreremos às reflexões de Paul Ricoeur¹⁸ e Gaston Pineau e Le Grand¹⁹, cuja obras articulam narrativa, memória e temporalidade. Ricoeur em *Tempo e narrativa*, propõe que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo”²⁰, e que a narrativa, por sua vez, alcança sua significação plena quando se torna condição de existência temporal. A narrativa opera, portanto, como mediadora entre a experiência vivida e sua significação cultural e histórica.

Em sua teoria da tríplice *mimese*²¹, Ricoeur delineia três momentos interligados: a *mimese I*, ou prefiguração, refere-se ao mundo prático da experiência anterior à narração, onde os acontecimentos ainda não estão organizados discursivamente; a *mimese II*, ou configuração, é o momento em que a narrativa organiza esses acontecimentos em uma trama dotada de coerência e finalidade; e a *mimese III*, ou refiguração, representa o impacto da narrativa sobre o leitor-ouvinte, que é chamado a reinterpretar

¹⁷ DELORY-MOMBERGER, C. As histórias de vida, p. 34-36.

¹⁸ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

¹⁹ PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L., As histórias de vida.

²⁰ RICOEUR, P., Tempo e narrativa, p. 85.

²¹ RICOEUR, P., Tempo e narrativa, p. 85-131.

sua própria experiência à luz do que foi narrado. Este ciclo narrativo permite a construção de sentido a partir da vida vivida e, simultaneamente, transforma o modo como o sujeito compreende e age no mundo.

A essa perspectiva, somam-se os contributos de Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento*²², onde o autor sublinha o papel do testemunho como instituição social e fonte de confiabilidade nas relações humanas. A narrativa testemunhal, sobretudo, quando construída a partir da memória partilhada, atua como elo entre o individual e o coletivo, entre o privado e o histórico. Nesse campo, as narrativas dos romeiros não apenas resgatam experiências, mas também reforçam vínculos comunitários e produzem um ethos comum, fundado na partilha da fé e da dor.

Pineau e Le Grand²³, por sua vez, ao dialogarem com essa tradição hermenêutica, enfatizam que as histórias de vida funcionam como dispositivos de mediação entre a temporalidade subjetiva e a inscrição histórica do sujeito. Para os autores, a experiência vivida só acede à história — enquanto construção ordenada e significativa — se for narrada, expressa e rerepresentada. Essa rerepresentação é simultaneamente produto da memória e gesto criador, capaz de sincronizar tempos distintos e gerar novos sentidos.

A narrativa, nesse contexto, é uma prática autopoética, produtora de conhecimento de si e de identidade narrativa. Ricoeur²⁴ chama atenção para o fato de que construímos nossas identidades não apenas com base em eventos reais, mas também com os recursos da ficção e da imaginação. A identidade narrativa resulta da articulação entre múltiplos elementos — lembranças, expectativas, fabulações — que se reagrupam num enredo pessoal. Assim, mesmo elementos não vividos literalmente podem ter papel estruturante na construção da história de si.

Nesse processo, o tempo deixa de ser uma linha cronológica e passa a ser um *tempo (auto)biográfico*, em que passado, presente e futuro se entrelaçam na linguagem. A narrativa permite que o sujeito atribua significação aos acontecimentos, compondo um modo próprio de dizer-se e reconhecer-se. Tal como afirmam Pineau e Le Grand²⁵, “a experiência vivida só tem acesso à história — a uma significação ordenada e datada — se for capaz de se expressar e rerepresentar”. Nesse sentido, o presente narrado é simultaneamente reminiscência e criação, permitindo ao sujeito renovar o sentido de sua trajetória.

Portanto, ao narrar a experiência romeira, os participantes da Reunião das Três Horas constroem um espaço de expressão e escuta, no qual suas vivências se tornam inteligíveis, comunicáveis e socialmente reconhecidas. As narrativas que emergem nesse espaço são simultaneamente manifestações de subjetividade e construções coletivas de memória. São, por excelência, um lugar onde se entrelaçam a experiência individual, a temporalidade do vivido e a tradição religiosa popular, permitindo a construção de sentidos partilhados e a manutenção de uma identidade comunitária que se renova continuamente.

4. Narrativas da trajetória romeira

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as *narrativas da experiência* dos romeiros e romeiras que participam da Reunião das Três Horas, acompanhamos as edições do evento realizadas em setembro e novembro de 2024 e em fevereiro de 2025. Durante esses encontros, observamos atentamente as formas de participação dos presentes — que se manifestavam, sobretudo, por meio de testemunhos, cânticos e orações —, somando 30 apresentações, das quais participaram 11 homens e 19 mulheres, com idades entre 17 e 74 anos, oriundos de diversos estados do Nordeste: Alagoas, Bahia, Sergipe, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, bem como de cidades do interior do Ceará.

Essas apresentações, de forte caráter emocional e espiritual, referem-se frequentemente a graças alcançadas, como a cura de doenças, conquistas jurídicas, aprovação em concursos, obtenção de emprego,

²² RICOEUR, P., *A memória, a história, o esquecimento*, p. 174.

²³ PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L., *As histórias de vida*, p. 119.

²⁴ RICOEUR, P., *Tempo e narrativa*.

²⁵ PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L., *As histórias de vida*, p. 112.

aquisição de bens materiais, entre outros. Os participantes atribuem essas bênçãos à intercessão de Nossa Senhora das Dores e de Padre Cícero, e comparecem à reunião movidos pelo desejo de testemunhar publicamente sua fé e gratidão. Além disso, muitos cantam benditos — alguns de sua própria autoria — e orações, compondo um ambiente de devoção marcado pela oralidade e criatividade popular.

Com base nesses testemunhos públicos, foram selecionadas dez pessoas para entrevistas individuais, realizadas imediatamente após suas participações no encontro. A opção por esse momento de “calor” emocional visou captar a intensidade da experiência vivida, explorando, com recursos da etnonarrativa, a dimensão simbólica do ato de narrar. Essa metodologia possibilitou articular o plano coletivo da partilha pública com a singularidade das histórias pessoais, revelando como essas duas esferas se entrelaçam e se retroalimentam na constituição da identidade romeira.

As entrevistas evidenciam que participar da romaria é, para muitos, uma resposta a um chamado interior — espiritual, familiar ou comunitário — que se manifesta ao longo da vida. A *temporalidade do vivido* revela-se fortemente presente nas narrativas, marcando a continuidade intergeracional da prática romeira. Muitos relatam ter iniciado as viagens ainda crianças, acompanhando os pais ou avós, e mantêm essa tradição até hoje, perpetuando os ensinamentos e a devoção familiar:

Eu venho desde de 1979. Deus que me chamou, Jesus, meu padrinho Cícero, me chamou para vir aí eu vim mais o pessoal. (Entrevistado de Alagoas, 60 anos)

O que me traz a Juazeiro é a fé de ser católica, a fé no Padre Cícero, a fé na Mãe das Dores. [...] Minha mãe vinha quando eu era pequeninha [...] ela viajava a pé, [...] hoje a gente continua de ônibus. Eu vim a primeira vez quando tinha 16 anos, depois disso eu não parei mais, já tenho mais de 100 viagens pra o Santo Juazeiro. (Entrevistada de Alagoas, 72 anos)

Esses testemunhos, como tantos outros, revelam não apenas a persistência da fé, mas também a dimensão *performativa* da narrativa, que ao ser contada reafirma o sentido do passado e o projeta sobre o presente. A prática da romaria transforma-se num verdadeiro *rito de passagem e reafirmação identitária*, cuja repetição ao longo dos anos assume contornos de memória coletiva e resistência cultural.

Muitos narradores também apontam para uma transformação pessoal decorrente da experiência romeira — mudanças de comportamento, amadurecimento espiritual e redimensionamento das prioridades da vida:

Depois que comecei a viajar, me senti mais organizada, mais feliz, aumentou minha fé. [...] Aprendi que vale a pena a pessoa caminhar não atrás do que não presta, mas atrás da palavra de Deus. (Entrevistada de Sergipe, 72 anos)

Eu era muito agitado, brigava com todo mundo. Depois que eu passei a vir pra cá, eu aprendi a controlar o meu psicológico. [...] Cada vez que eu venho, eu tenho mais esperança e renova a minha fé. (Entrevistado de Sergipe, 46 anos)

Esses trechos demonstram o que Paul Ricoeur²⁶ nomeia como *refiguração* da experiência, em que o ato narrativo não apenas organiza o vivido, mas o transforma em horizonte de sentido e fonte de ação. A romaria deixa de ser apenas uma prática devocional para tornar-se um processo de formação pessoal e espiritual, integrando o tempo biográfico com o tempo comunitário.

Além disso, os depoimentos reforçam o papel formador e terapêutico da convivência comunitária. A experiência da partilha — tanto nas viagens quanto nos encontros da Reunião das Três Horas — revela-se como um espaço pedagógico e afetivo, onde valores como humildade, solidariedade e fé são constantemente reforçados:

²⁶ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

A viagem junta todo mundo, parece irmão. É o povo de Deus tocando a viagem junto, se ajudando, compartilhando o que tem. [...] Na romaria a gente aprende a união. É uma coisa linda mesmo, muito, muito amor. (Entrevistada de Alagoas, 67 anos)

Falas como essa confirmam o que Pineau e Le Grand²⁷ apontam como *historicidade do tempo biográfico*, no qual as experiências singulares ganham densidade ao serem compartilhadas e ressignificadas no coletivo. O romeiro aprende, transforma-se e reconfigura sua identidade a partir do itinerário vivido e narrado, confirmando a potência da narrativa enquanto estrutura de mediação entre vida, fé e comunidade.

Finalmente, destaca-se o papel da Reunião das Três Horas enquanto espaço de *reconhecimento simbólico e social*. Muitos participantes apontam esse encontro como ponto culminante da romaria, um momento indispensável para a plenitude da vivência religiosa:

Se eu vir pra romaria e não participar é como se eu não tivesse completado a minha romaria. Aprendo muito com os testemunhos; cada vez que a gente vem, é um diferente, que toca o coração. (Entrevistada de Pernambuco, 40 anos)

Essa reunião é muito importante, porque ela dá mais incentivo pra gente pra enfrentar a vida e não perder a fé. É como uma escola [...] esse jeito de evangelizar é especial, ensina o povo romeiro com alegria [...] Dar oportunidade pra gente mostrar nossa arte, porque cantar bendito é uma arte [...] é uma alegria tão grande. (Entrevistada de Alagoas, 67 anos)

Esse reconhecimento indica que o espaço da Reunião se consolida como um *lugar de aprendizados*, onde a memória, a fé e a coletividade se entrelaçam e dão origem a uma pedagogia da partilha, da escuta e da transformação — tanto individual quanto coletivamente.

4.1. Repercussões da Reunião das Três Horas na vivência romeira

Os depoimentos colhidos durante e após as Reuniões das Três Horas evidenciam o impacto profundo que esse espaço de partilha tem na vida dos participantes. A narrativa da experiência, quando expressa em público, parece atuar como um mecanismo de reorganização emocional e espiritual. Através da escuta mútua, do canto dos benditos e da partilha das vivências pessoais, os romeiros e romeiras constroem um campo comum de ressonância afetiva e simbólica, o que contribui para o fortalecimento do sentido de pertença e para a reelaboração das suas trajetórias de vida:

Quando eu saio daqui dessa reunião e escuto as palavras das irmãs e dos coordenadores, parece que eu saio leve [...]. Com as palavras que escuto aqui, o coração fica leve, esqueço as preocupações, renovo minha esperança. (Entrevistada do Maranhão, 74 anos)

Este alívio referido na narrativa pode ser compreendido à luz da *refiguração* temporal proposta por Ricoeur²⁸, em que o narrado adquire um novo estatuto de significado que transforma o vivido. Ao dar forma à sua experiência e vê-la reconhecida pela escuta do outro, o sujeito reconstrói também a forma como compreende e enfrenta os desafios da vida cotidiana.

A Reunião das Três Horas aparece, assim, como espaço formativo e performativo por excelência — não apenas no sentido teológico ou espiritual, mas enquanto instância educativa popular, comunitária e simbólica. Para muitos, o evento atua como um verdadeiro laboratório de aprendizagem social e religiosa, onde se desenvolve a escuta, a solidariedade e o cuidado coletivo:

O que eu mais aprendi na reunião foi a ouvir e levar a mensagem pra meu povo. Eu aprendi mais a ouvir as pessoas e compartilhar o que aprendi, entendeu? (Entrevistado de Sergipe, 46 anos)

²⁷ PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L., As histórias de vida.

²⁸ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

A Reunião das Três Horas é um ensinamento para os romeiros porque ensina a gente a crescer e mudar de atitude [...]. Ensina da vida, do respeito, da fé, da luta do povo romeiro (Entrevistado de Alagoas, 54 anos)

Estes testemunhos reforçam a ideia de que o processo de narrar e escutar é transformador — sendo uma prática de *cuidado de si e do outro*, como apontam Foucault²⁹ e Ricoeur³⁰ —, pois, ao narrar a própria vivência, o romeiro assume o papel de sujeito ativo de sua história, tornando-se também agente educativo na vida do outro. O conhecimento construído é, portanto, coletivo, afetivo e ético.

A figura do *fretante*, enquanto liderança romeira, emerge com relevância nestas falas, revelando um papel que ultrapassa o de simples organizador de viagens. O fretante é um articulador do sagrado, um mediador de experiências e, muitas vezes, um evangelizador informal no seio da sua comunidade:

Como sou fretante, trago pessoas pra Juazeiro, até sem cobrar e, no meu entender, isso é uma forma de servir a Deus. (Entrevistado de Alagoas, 54 anos)

A função de guia é, aqui, símbolo da reciprocidade que atravessa o movimento romeiro: quem conduz também aprende, quem acolhe também é acolhido. Esse dinamismo de troca espiritual e prática reforça a identidade comunitária e promove um sentimento de missão e continuidade.

A centralidade da figura de Irmã Annette Dumoulin, constantemente evocada nos relatos, demonstra o valor afetivo e formativo da sua presença no processo de acolhimento e organização da romaria. Mais do que uma referência institucional, ela é reconhecida como símbolo da pedagogia do amor, da escuta e do compromisso com os mais humildes:

Ela era um ser humano de coração grande, humilde, dedicada e amorosa com a gente. Sempre com uma palavra para nos confortar, um conselho pra dar. [...] Foi um pedaço muito grande de nosso coração que foi embora. (Entrevistada de Alagoas, 72 anos)

A irmã Annette é um anjo. Ela não foi, ela é um anjo, porque foi uma serva de Deus. Ela foi mais do que uma conselheira, entendeu? Ela ensinava o povo romeiro, acolhia todo mundo, lutava pela gente, pelos nossos direitos, entendia o que a gente falava, era simples como a gente. (Entrevistado de Alagoas, 54 anos)

O luto por sua ausência revela também a tensão entre a tradição carismática e o desafio da institucionalização da prática. Alguns entrevistados apontam que, embora a Pastoral da Romaria esteja dando continuidade ao trabalho, certas mudanças são perceptíveis — algumas positivas, como as atividades desenvolvidas pela Comissão de Pastoral da Romaria da Basílica de Nossa Senhora das Dores, outras com um sentimento de perda da essência original:

Depois da morte de irmã Annette, ficou mais diferente, mudou algumas coisas, mas a gente continua achando bonito e bom. Vamos continuar prestigiando o lugar que ela prestigiava e animava os romeiros. Por isso vamos continuar festejando bonito, como ela ensinou. (Entrevistada de Sergipe, 72 anos)

A reunião sem a irmã Annette é diferente [...]. Precisa dar continuidade à valorização da experiência dos romeiros, precisa continuar ouvindo seus testemunhos com interesse e amor. (Entrevistado de Barbalha, Ceará, 28 anos)

Apesar de não ser mais igual como na época da irmã Annette, a Pastoral está fazendo um trabalho importante, está dando continuidade ao acolhimento, e isso é importante, porque foi o ensinamento que ela deixou: acolher e ouvir o romeiro. (Entrevistado de Barbalha, Ceará, 40 anos)

²⁹ FOUCAULT, M., História da Sexualidade.

³⁰ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

Mudou muito, nunca vai ser como a irmã Annette fazia. [...] Deus vai capacitar pessoas talvez que seja melhor até que a irmã Annette, não é verdade!? Mas até o momento ainda não capacitou. (Entrevistado de Alagoas, 54 anos)

Estas falas expõem uma tensão entre a memória e a continuidade, entre a referência simbólica de uma liderança inspiradora e os esforços da comunidade em manter vivo o legado. Revelam também que a *temporalidade do vivido* — tal como discutida por Ricoeur³¹ — está intimamente ligada à memória afetiva, às rupturas do tempo e à busca constante por sentido. As alterações percebidas na reunião, após a morte de Irmã Annette, não anulam sua importância; pelo contrário, evidenciam a força do legado deixado e a necessidade de reconfiguração constante da experiência religiosa.

Por fim, a análise dessas narrativas permite afirmar que as experiências socioreligiosas expressas na Reunião das Três Horas estão ancoradas em múltiplas temporalidades: da infância à maturidade, do sofrimento à gratidão, da escuta à partilha. O enredo das vidas romeiras é construído em diálogo com a fé, com o coletivo e com a memória — num contínuo processo de construção de sentido. A romaria, nesse sentido, é menos um deslocamento físico do que um percurso existencial, um “tempo outro” — talvez mesmo um tempo kairológico —, em que a vida adquire densidade espiritual, existencial e social. Isso implica os sentidos atribuídos às experiências e aos aprendizados socioreligiosos estabelecidos nesse itinerário, como observado nas diversas narrativas da trajetória romeira.

Conclusão

Toda tentativa de abordar e, assim, de compreender a diversidade dos fenômenos da religiosidade popular de Juazeiro de Norte remetem-nos para os personagens de Padre Cícero e da Beata Maria de Araujo e, conseqüentemente, aos romeiros e romeiras e suas romarias já estruturadas e consolidadas ao longo de mais de um século, tendo em vista que a primeira romaria a Juazeiro do Norte ocorreu no ano de 1889.

A análise das *narrativas da trajetória romeira*, à luz da categoria teórica da *temporalidade do vivido*, permitiu compreender a profundidade da experiência socioreligiosa dos romeiros e romeiras que participam da Reunião das Três Horas em Juazeiro do Norte. Este espaço, marcado pela oralidade, pela partilha e pela escuta sensível, emerge como território simbólico e pedagógico de construção identitária e de resistência cultural.

Conforme apontado por Delory-Momberger³², Ricoeur³³, Pineau e Le Grand³⁴, as narrativas constituem-se como estruturas (re)significantes que organizam e atribuem sentido às experiências vividas. Neste estudo, as falas dos romeiros revelaram-se instrumentos potentes de produção de sentido, através dos quais os sujeitos não apenas relatam os acontecimentos que viveram, mas também os reconstróem sob a ótica da fé, da superação e da coletividade. A Reunião das Três Horas, nesse contexto, funciona como dispositivo de *refiguração do vivido* — um espaço em que o testemunho pessoal ganha densidade simbólica e se transforma em saber partilhado.

Ao mesmo tempo, constatou-se que esse espaço possui uma função inclusiva e democratizante, na medida em que valoriza o protagonismo dos sujeitos populares, permitindo-lhes expressar-se com liberdade, autonomia e criatividade. O ato de contar sua história, cantar seus benditos, organizar uma viagem, dar um conselho ou escutar atentamente o outro, tudo isso configura uma pedagogia do acolhimento marcada pelo respeito às experiências e às formas de saber da “nação romeira”. Trata-se de um conhecimento comunitário e experiencial que resiste às lógicas excludentes e hierárquicas tradicionalmente presentes em espaços religiosos institucionais.

Contudo, os dados da pesquisa também sinalizam mudanças em curso no movimento romeiro de Juazeiro do Norte, especialmente após o falecimento de Irmã Annette Dumoulin. Embora a Pastoral da Romaria se esforce por manter viva a pedagogia da acolhida, os depoimentos revelam percepções

³¹ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

³² DELORY-MOMBERGER, C., As histórias de vida.

³³ RICOEUR, P., Tempo e narrativa.

³⁴ PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L., As histórias de vida.

ambivalentes: por um lado, há reconhecimento do empenho e da continuidade; por outro, emergem críticas à crescente institucionalização e ao possível distanciamento do sentido original da Reunião. Essa tensão é reveladora: indica que o movimento romeiro está em processo de reconfiguração, e que o legado construído nas últimas décadas precisa ser não apenas preservado, mas também reinventado em diálogo com os próprios romeiros.

Nesse sentido, é necessário que os agentes pastorais e as lideranças locais se mantenham atentos às vozes dos romeiros e romeiras, reconhecendo o seu papel como sujeitos históricos, detentores de saberes e protagonistas de sua fé. O risco de homogeneização e perda do caráter participativo precisa ser enfrentado com escuta ativa, sensibilidade intercultural e abertura ao novo. A Reunião das Três Horas não pode ser reduzida a uma programação formal ou a um “evento” da romaria; ela deve continuar a ser um *espaço biográfico*, um lugar de encontro, transformação e partilha.

Portanto, este estudo reafirma o valor da Reunião das Três Horas como prática viva e pulsante da religiosidade popular nordestina, capaz de articular tradição e contemporaneidade, fé e política, resistência e renovação. Que esse espaço siga sendo um território de afirmação romeira, de escuta generosa e de esperança concreta — uma verdadeira “romaria da palavra”, onde o sagrado se revela no testemunho de vida de cada um e de todos.

Referências bibliográficas

CORDEIRO, Maria Paula J. **Entre chegadas e partidas**: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CROATTO, José S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNB, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FORTI, Maria do Carmo P. **Maria de Juazeiro**: A beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v. 3.

GUIMARÃES, Ana Tereza; DUMOULIN, Annette. Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte: Protagonismo de uma liturgia popular; Uma visão antropológica. **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n. 67, abr./jun. 2009, p. 9-40.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira**: estudo psicológico da função de um “Santo” no Catolicismo Popular. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. Romeiros/as e romarias: protagonismo, martírio e resistência de um grande movimento de tradição religiosa popular. In: BEDOYA, Luis Eduardo Torres (Org.). **Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro**: Padre Cícero, beata Maria de Araujo, romeiros/as e romarias. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 09-40.

OLINDA, Ercília Maria B. de; SILVA, Adriana M. S. da. A presença evangelizadora da Irmã Annette Dumoulin: viver como Cristo viveu, ensinar como Cristo ensinou! In: OLINDA, Ercília Maria Braga de, SILVA, Adriana Maria Simião da (Orgs.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: EdUECE, 2016. p. 235-263.

OLINDA, Ercília M. B.; SIMIÃO, Adriana M. da S. (Orgs.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

PAZ, Renata M. **Para onde sopra o vento**: A Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRRN, 2012. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação). Clássicos das Histórias de vida.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: A tríplice *mimese*. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994. p. 85-131.

SILVA, Adriana M. S. da. **Histórias de vida de mulheres romeiras**: experiências sociorreligiosas e os processos formativos na terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero. Fortaleza, 2017. 335p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação.

VAN DER LEEUW, Gerardus. **Fenomenología de la religión**. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

Adriana Maria Simião da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará
Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri
Crato / CE – Brasil
E-mail: adriana.simiao@urca.br

Renato Kirchner

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Docente da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas / SP – Brasil
E-mail: renatokirchner00@gmail.com

Recebido em: 21/06/2024
Aprovado em: 28/04/2025